Jornalismo em QUADRINHOS

OBRA QUE MISTURA FOTOS A DESENHOS SEQÜENCIADOS RETOMA GÊNERO QUE COMEÇA A VIRAR CORRENTE PRÓPRIA

POR LUIZ COSTA PEREIRA JÚNIOR

O fotógrafo francês Didier Lefèvre viveu experiência única em julho de 1986, quando acompanhou uma caravana dos Médicos Sem Fronteiras pelo Afeganistão. Os guerrilheiros mujahidin (embrião do talibã) resistiam à invasão russa. Didier temia não chegar ao fim da jornada, um hospital em Feyzabad, no norte do país. "Numa missão humanitária, o primeiro a ser sacrificado é o fotógrafo", imaginou. Mas nesse país inóspito de paisagens belas, encontrou um povo solidário e também desconfiado, rude na ação e gentil no trato, que mantêm a passada sem olhar de banda, mesmo na ausência de perspectivas.

Didier ficou tão fascinado que voltou ao lugar oito vezes. Colheu imagens impressionantes. Mas a experiência que viveu não coube em fotos. Por mais de uma vez, hesitou. O país em guerra assumiu ele mesmo uma presença uniforme, que parecia exceder o que a imagem conseguiria, de um só golpe, dar forma. Seria preciso contar os fatos fora do alcance da câmera: situações não registráveis, por segurança; costumes ditos ao acaso; cenas sem complemento visual; o sentido dos fatos.

Só em 2003 encontrou o devido meio para relatar o que viu. *O Fotógrafo é* uma reportagem em quadrinhos, que a Conrad traz ao Brasil em trilogia, feita por Didier, pelo desenhista Emmanuel Guibert e pelo diagramador Frédéric Lemercier. O primeiro volume saiu em novembro. O segundo, ainda neste semestre.

Na obra, desenhos e fotos são organizados numa narrativa exposta com tocante neutralidade, e é ilustrativa a passagem em que uma enfermeira conta a Didier a importância de realizar uma cirurgia fadada ao fracasso.

O músico Otto pede carona a Tom Zé na primeira entrevista toda feita em quadrinhos na imprensa brasileira, no jornal *O Estado de 5. Paulo*, em 1999: novo gênero

O livro retoma um gênero de realismo que tem sua escola até no Brasil - a do jornalismo em forma de HQ. Desde que tiras começaram a ser usadas pela imprensa americana no século 19, criando as bases da atual indústria dos gibis, as relações entre notícia e arte seqüencial não vivia tamanha interdependência.

Até hoje, é comum a imprensa usar quadrinhos como ferramenta a mais para a reconstituição de fatos e a veiculação de informação a que não se tem acesso direto. É assim com as dramatizações de casos policiais. Em alguns casos, o efeito é refinado. Foi assim com a edição em HQ da reportagem *A Infiltrada*, coordenada pelo diretor de arte Samuel Cabral, para o jornal *Agora São Paulo*, em 22 de abril (editaria Polícia, domingo, A-3). O ilustrador Luciano Veronezi seqüência a apuração de Carla Monique Bigatto. Não há aqui as cenas esparsas das tirinhas de reconstituição. Quadro a quadro, é narrada a operação de uma policial de 21 anos que se disfarçou para desbaratar um esquema de tráfico internacional.

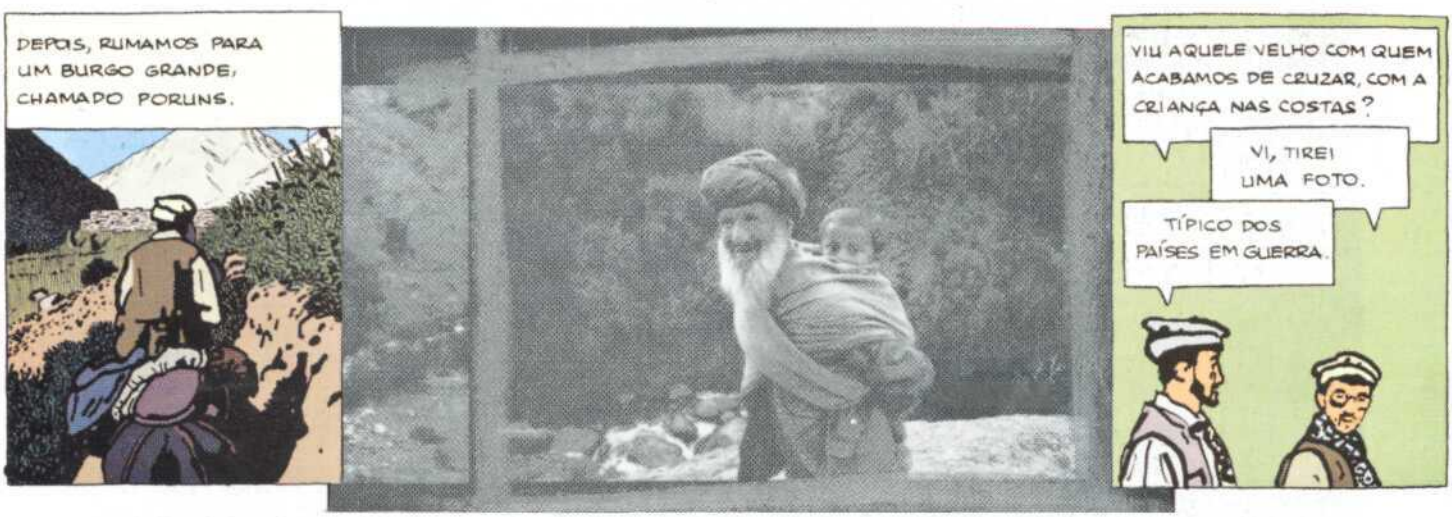
A vantagem do expediente foi a de manter incógnita a identidade da personagem central da história. E a de materializar um relato vivo. Os quadrinhos, no caso, não foram apêndice da notícia, mas a própria informação. É o que fez também a repórter Patrícia Villalba, que realizou a primeira entrevista brasileira em HQ, no jornal *O Estado de S. Paulo* (Caderno 2-Zap, D9), em 9 de abril de 1999.

Entrevista em HQ

Patrícia marcara encontro entre Tom Zé e Otto, representantes de duas gerações da MPB que fariam shows no dia seguinte. Foi acompanhada por Fábio Moon e Gabriel Ba, então já conhecidos pelo fanzine *10 Pãezinhos* e responsáveis pela atual quadrinização de *OAlienista*, de Machado de Assis, editada pela Agir este ano. As três horas de conversa viraram duas páginas de jornal de bem-humorada entrevista, em que Tom Zé surge na velha Brasília que usava nos anos 80 para dar carona ao colega em plena caatinga.

A opção por teatralizar o encontro num espaço lúdico evitou o enfileiramento de primeiros planos dos personagens, padrão numa entrevista exibida com perguntas e respostas. O efeito de real, no entanto, não se perde. Em 2002, as jornalistas Carolina Cassiano e Rachel Bonino (hoje subeditora de **Língua)**, procuraram os escritórios de *designers* Fábrica de Quadrinhos e Expresso para reconstituir o massacre dos 111 presos do complexo prisional Carandiru ocorrido em 1992. Dez anos depois, Rachel entrevistara, para a revista *Efemérides*, que não chegou a circular, duas testemunhas com ângulos opostos sobre o ocorrido: um preso e um policial. Cada escritório seqüenciou um dos relatos com um estilo diferente, criando um genuíno efeito de "espelho" entre as versões.

O gênero tem criado adeptos, como esses. A ponto de, há dois anos, como informa Marko Adkik, diretor do site Neorama



Prancha do recém-lançado *O Fotógrafo*, da editora Conrad: tocante livro-reportagem em que a imagem fotográfica está a serviço de uma história em quadrinhos

dos Quadrinhos, ter sido lançada a editora italiana BeccoGiallo (www.beccogiallo.it), só com HQs de investigação de grandes casos, como a catástrofe nuclear de Chernobyl e o seqüestro do político italiano Aldo Moro, nos anos 70. Em 2005, a Associazione Culturale Mirada (www.mirada.it) lançou o Komikazen - *Festival Internazionale delfumetto di realtà*, evento anual de "quadrinhos de realidade" (o deste ano acabou em maio).

Dar confiabilidade a um tipo de relato associado à ficção adolescente é o obstáculo dos que se aventuram num gênero ainda verde na imprensa. Tão verde que ainda carece de devido batismo, para que não se percam, por insuficiência de nomenclatura, suas possibilidades. É o que avalia o jornalista Paulo Ramos, que em maio defendeu na Faculdade de Letras da USP a tese de doutorado *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*.

- O jornalismo em quadrinhos ainda ê uma experiência nova. Mas já se consolida como um novo gênero, a que tenho chamado de jornalismo gráfico. Foi a melhor rotulação que li sobre o assunto. Note que *O Fotógrafo é* feito com o auxílio de fotos, e não só desenhos. O termo "gráfico" se toma mais preciso — diz ele.

O primeiro a usar o termo teria sido, segundo Ramos, o escritor Sid Jacobson (criador de *Riquinho)*, no ano passado. Ele o aplicou para descrever o álbum em quadrinhos com o relatório oficial sobre os bastidores do atentado de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas, que criou em parceria com Ernie Colón para a revista eletrônica *Slate*. A dupla selecionou passa-

GRAMÁTICA DA REPORTAGEM HQ

INDICAÇÕES DE LINGUAGEM QUE FAZEM TOMAR COMO REAL UM GÊNERO LIGADO À FICÇÃO

A construção da realidade no jornalismo em quadrinhos precisa ser garantida de maneira diferente da de outros meios jornalísticos. Para acentuar a confiabilidade no seu testemunho e criar empatia com o público, o repórter que faz jornalismo em HQ conta com alguns recursos de linguagem, como a apresentação breve de um texto que contextualize os quadrinhos, a simulação dos sons ambientes e a transformação do repórter em personagem.

Num livro-reportagem em HQ, como os de Joe Sacco, o repórter é em geral o protagonista dos fatos, não apenas apresenta as histórias que narra. O relato é encarado como autêntico porque o sujeito que o enuncia é real.

Isso só não basta. O jornalista Flávio Pinto Valle Belo defendeu este ano a monografia *Quadro a quadro: Reflexões sobre o jornalismo em quadrinhos*, na UFMG. Ele enumera outras estratégias de reportagens em quadrinhos para "construir sua autoridade":

• **O PORMENOR INSIGNIFICANTE** – É a descrição meticulosa de cenários e personagens. Imprime realismo ao conjunto se há detalhes, situações de preparação para a ação principal, cenas aparentemente casuais, mas que só poderiam ser obtidas por quem teve contato com elas.

• **A TEIA DOS FATOS** – Uma rede de episódios isolados narrados por personagens é iserida no relato maior, que tudo contextualiza. A informação ordenada em rede (histórias paralelas dentro do relato macro) valida a narrativa, um fato considerado verídico dando legitimidade a outro.

• **O SISTEMA DE CITAÇÕES** – A ênfase na personalidade de entrevistados dá a sensação de que se trata de personagens genuínos. As fontes viram sujeito da enunciação.

Com tais expedientes, os quadrinhos jornalísticos indicam ao leitor que suas narrativas seriam resultado de genuína apuração dos fatos, e não de mera invenção.

Página de *A Infiltrada*, do jornal *Agora*: quadrinhos não são apêndice da notícia, mas a própria informação

O massacre do Carandiru, em 1992, retomado por testemunhas que estavam em lados opostos: dois tipos de desenho

gens do *The 9/11 Gomission Repor t* e enfatizou o suspense narrativo. Experiência on-line antes de ser papel (pela editora *Ml and Wang),* a novela gráfica reorganiza o relatório numa cronologia linear, que o original não tinha. O trabalho deu lugar a uma seqüência, baseada em reportagens sobre a guerra contra o terror, chamada *After 9/11'.América at War*.

Guerras reais

Conflitos de bastidores obscuros, narrados de forma distanciada pelo noticiário, tendem a ser campos férteis à reportagem em HQ. Ano passado, o jornalista Joe Sacco foi enviado pelo britânico *The Guardian* ao Iraque para produzir o chamado *comicsjournalism.* Criou peças como *Complacency Mis* e *Trauma on Loan*, com fatos sobre o Iraque, o registro da invasão americana e das torturas nas prisões de Abu Ghraib.

Sacco marcou os anos 90 com uma série de obras de jornalismo gráfico, quase todas disponíveis pela Conrad. Ele é fruto *underground,* em particular da editora Fantagraphics, que em 1994 lançou *Palestine: a nation occupied* (pela Conrad, *Palestina - Uma nação ocupada*, em 2000). Com projetos que potencializaram ao máximo a arte seqüencial com procedimentos jornalísticos, passou a ser considerado pioneiro mundial no gênero, apesar das experiências esparsas anteriores. Em alguns de seus trabalhos, como *Área de Segurança Goradze*, Sacco perfaz a cadeia

TIPOS DE NARRATIVAS

A RETRATAÇÃO DA REALIDADE ASSUME DIFERENTES FORMAS NARRATIVAS NO MERCADO DOS QUADRINHOS, MAS APENAS UMA É JORNALÍSTICA

Na monografia *Quadro a quadro: Reflexões sobre o jornalismo em quadrinhos*, o jornalista Flávio Pinto Valle Belo separa o joio do trigo no mercado *underground* ao definir três tipos de quadrinhos da realidade: as narrativas de testemunho, do olhar e as jornalísticas.

• NARRATIVAS DE TESTEMUNHO

São relatos autobiográficos com elementos ficcionais, como *Gen – Pés Descalços* (os efeitos da bomba atômica no Japão), *À Sombra das Torres Ausentes* (o atentado de 11 de setembro), de Art Spiegelman, *e Persépolis*, de Marjane Satrapi (a Revolução Islâmica de 1979 aos anos 90).

• NARRATIVAS DO OLHAR

Relatos construídos com a experiência do outro. O narrador é destituído de autoridade, e se vê obrigado a adotar uma estratégia textual que o legitime, como em *Maus (Prêmio Pulitzer de jornalismo em 1992), que conta* a vida sob o nazismo de Vladek Spiegelman, pai do próprio autor, Art Spiegelman; o livro de crônicas *O Último Dia no Vietnã*, que Will Eisner fez em 2000, e *Fax from Sarajevo*, de Joe Kubert, que em 1996 relatou a Guerra da Bósnia com base no relato de Ervin Rustemagic, enviado por fax, sua única forma de contato com o mundo ao ficar sitiado pelas tropas sérvias em Sarajevo.

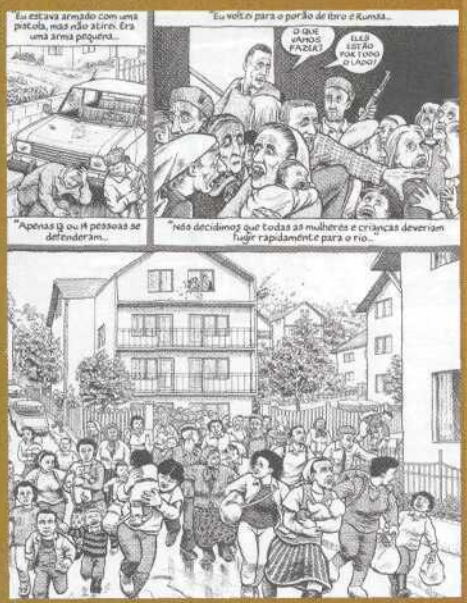
• NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

Um olhar de um narrador-repórter sobre a ação do outro. Isso exige estratégias textuais que dêem credibilidade ao relato.

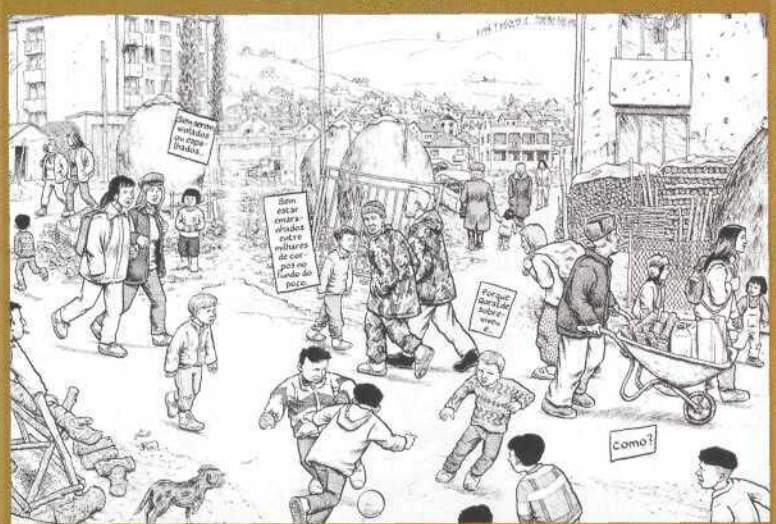
Só essa categoria seria de fato jornalismo gráfico, um novo formato de linguagem de apresentação de relatos do cotidiano.

LINGUAGEM VISUAL A SERVIÇO DA INFORMAÇÃO

Pranchas de Joe Sacco recriam parte da linha de produção da notícia em *Área de Segurança Goradze*, livro-reportagem sobre a Guerra da Bósnia entre 1992 e 95



A comunidade croata é perseguida na Bósnia: ação difícil de ser reconstituída por outra via



A pauta: pergunta central a mover o trabalho já implica um roteiro para obter informações

A introdução de uma entrevista no relato mais amplo: como se fossem falas entre aspas

Conexão entre depoimento e informação de contexto: visual recria recursos do estilo verbal da imprensa

produtiva da notícia: apresenta a pauta, insere personagens no relato e descreve ações com economia e funcionalidade.

Seu mérito está, no entanto, na linguagem e na abordagem. Ele usa o formato HQ para diminuir o distanciamento analítico que a imprensa em geral mantém quando retrata personagens e situações, e faz isso sem reduzir seu relato à confirmação de estereótipos na linha "palestinos = terroristas". Assumidamente, fisga histórias humanas em meio a eventos de porte, em que as particularidades do indivíduo tendem a evaporar quando ele é transformado em notícia.

Os quadrinhos, costuma dizer Sacco, oferecem uma gama tal de informações visíveis sobre ambientes, paisagens e pessoas que criam um efeito de realidade aos olhos do leitor. Trabalhos como os dele buscam envolver o leitor e materializar personagens, histórias paralelas e cenas nem sempre registradas no trabalho de campo do jornalista, principalmente em situações difíceis, como as de um conflito.

Descrença

Nem todo mundo acredita no potencial das HQs para a apresentação de informações. Rosângela Petta é uma professora de jornalismo que nos anos 90

editou a *Goodyear*, revista que chegou a fazer uma experiência de crônica em HQ com Luís Ge. Para comemorar os cem anos da Avenida Paulista, em São Paulo, Ge levou quase um ano para concluir uma ficção com dados históricos.

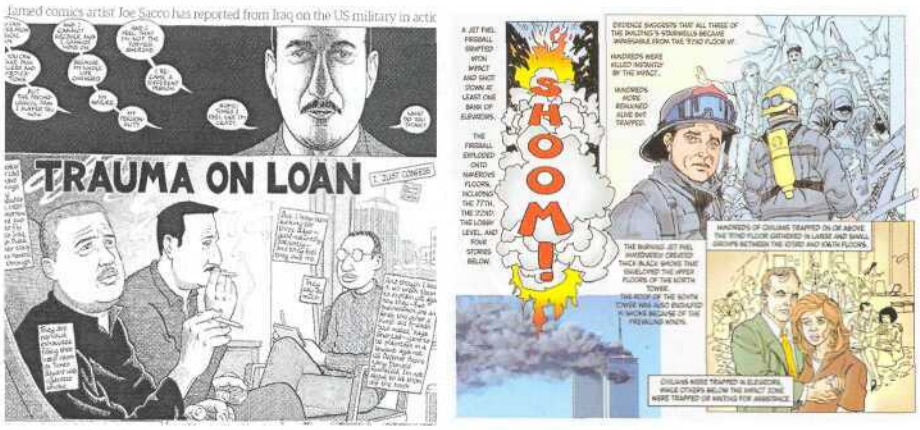
Na opinião de Petta, não á possível fazer reportagem em HQ, já que ilustrações, enquadramento das cenas e detalhes necessários a uma narrativa em quadrinhos estariam muito além do que o repórter seria capaz de apurar.

- A reportagem clássica lida com o rigor - afirma.

Tal rigor, avalia Petta, seria diferente de usar um quadro ilustrativo de reconstituição de crimes, por exemplo, para apoiar uma reportagem impressa. Não haveria, tampouco, grau de comparação possível entre uma reportagem em HQ e uma fotográfica, pois a precisão no registro da realidade também é outra.

Credibilidade

O desafio do jornalismo em quadrinhos, a rigor, não difere do praticado em outra via. Ganha relevo num momento em que é cada vez mais questionado o estatuto de verdade do que a mídia veicula.



Reportagem de Sacco para *The Guardian* no Iraque e o relatório *The 9/11 Report: a Graphic Adaptation*

Na prática, o jornalismo opera com a dificuldade de a mais isenta notícia dar conta da complexidade do real por ela apresentada. Ninguém demora duas horas para relatar a um amigo, por exemplo, o conteúdo de um filme que viu (melhor seria ver o próprio). Em geral, resumimos os acontecimentos, selecionamos passagens marcantes, no tempo e no espaço que temos. Ao dar uma notícia, há fenômeno similar: a realidade, para ser dita, dança conforme a seleção dos fatos e as necessidades do discurso, o que torna o resultado parcial de nascejiça. Todo o esforço do jornalista está, por isso, em conferir legitimidade a seu enunciado.

O jornalismo em quadrinhos cria o complicador adicional de usar como base uma linguagem ligada ao entretenimento e à ficção, e que não tem como fornecer o mesmo grau de realismo. Os quadrinhos compensam tal debilidade com uma meticulosa ambientação e alguns mecanismos de linguagem *(ver quadro na página 22)*. Os quadrinhos servem para o jornalista alinhavar o enredo, humanizar o relato, recriar situações que não seriam resgatadas de outro jeito, dar contextos e introduzir comentários. Os fatos, no entanto, devem ser recriados com rigor. Caso contrário, não será jornalismo. Será outra coisa **(Colaborou Gabriel Jareta)**

FAÇA VOCÊ MESMO

PROFESSORES PODEM ESTIMULAR RELATOS BASEADOS NA AVERIGUAÇÃO DE ACONTECIMENTOS DA REALIDADE

O professor de português ou de jornalismo pode estimular a criação de notícias em HQ, mesmo que ele ou seus alunos não sejam desenhistas natos.

• O relato, muitas vezes em primeira pessoa, deve mostrar algo que só aquele narrador-jornalista é capaz de apresentar, após rigorosa averiguação dos fatos.
• Toda reportagem tende a responder a uma pergunta central sobre um fenômeno da realidade. Chamamos de pauta o ato de elaborar melhor essa pergunta e definir um roteiro de como obter as informações para produzir a notícia que será construída.
• Não invente, investigue. Verifique cada informação mais de uma vez, com fontes (pessoas, documentos, instituições) diferentes, até que tenha confiança só numa versão dos fatos.
• Organize as informações obtidas na forma de uma história que possa ser contada, com começo, meio e fim.
• Só é possível fazer isso se você levantar muita informação (pois não vale preencher as lacunas da notícia com invenção). Se faltam dados para recriar ambientes, frases de personagens e ações, investigue mais.
• Crie um esboço da história, num roteiro quadro a quadro.
• Deixe claro aquilo que é contado por você e o que é relato de um entrevistado.
• Se for o caso, inspire seu desenho em fotos de locais e personagens com quem você manteve contato.
• Capriche no acabamento ao fazer sua arte-final.

Fonte: Língua Portuguesa, ano 2, n. 22, p. 18-23, ago. 2007.